

Discurso de posse

Excelentíssimo senhor ministro da Educação, Fernando Haddad, e demais autoridades do MEC; deputado Cláudio Vignatti, em cujo nome saúdo a todos os deputados aqui presentes; senadora Ideli Salvatti, em cujo nome saúdo a todos os senadores da República aqui presentes; magnífico reitor, Carlos Alberto Justo da Silva, aqui representando o professor Álvaro Prata, reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, instituição tutora da Universidade Federal da Fronteira Sul; demais reitores aqui presentes; senhores membros da Comissão de Implantação da UFFS; senhores membros dos Movimentos Sociais que formam o movimento Pró-Universidade Federal e que, desde o início, lutam pela criação da universidade; senhores prefeitos das cidades gaúchas, catarinenses e paraenses que abrigarão os cinco campi da nova instituição; demais autoridades aqui presentes, senhoras e senhores, prezados amigos,

Quero, antes de mais nada, agradecer a cada um de vocês por terem me distinguido com a sua presença e agradecer mais uma vez ao ministro Fernando Haddad pelo convite para ser o primeiro reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul. O convite me deixa lisonjeado e muito sensibilizado. É um convite, ministro, que me oferece, entre tantas coisas, a rara oportunidade de reencontro com a minha própria história e, é claro, a oportunidade ímpar de ajudar a região onde passei os anos da minha infância e boa parte da minha adolescência, justamente a região que hoje chamamos de fronteira sul. Ainda adolescente pude ver, viver e sofrer o impacto da inovação tecnológica revolucionando, quase que do dia para a noite, a agricultura da região e gerando uma diáspora social ainda pouco estudada, mas profundamente sentida em todo o interior brasileiro, do Rio Grande do Sul a Rondônia, de Missiones, na Argentina, à fronteira com o Paraguai, de onde de vez em quando ouvimos falar dos brasiguaios e entre os nomes que aparecem nos noticiários consigo ainda identificar famílias inteiras que conheci na minha infância. Portanto, muito obrigado, senhor ministro, por mais esta oportunidade! Esteja certo de que me entregarei abnegadamente à tarefa de liderar o processo de construção desta universidade tão aguardada por tantos durante tanto tempo. Que o que nos espera é muito trabalho, eu não tenho dúvidas. Tenho dito, parodiando Dickens, que depois de tudo o que conquistamos, nos últimos oito meses, este é o melhor dos tempos e o pior dos tempos. Temos tudo diante de nós e pouco ainda solidamente estabelecido sob os

nossos pés. Agora, no caso da UFFS, não há mais uma universidade a ser criada, mas uma universidade a ser posta em funcionamento, com tudo o que isso significa em termos acadêmicos, administrativos, operacionais e políticos. É uma tarefa hercúlea, mas venceremos! Venceremos porque somos muitos os que acreditaram e os que acreditam neste extraordinário projeto social capitaneado pelo Ministério da Educação.

Parto do princípio de que universidades são instituições criadas pela sociedade para que a sociedade possa, assim, melhor ajudar-se a si mesma. Elas não existem para si só, para cuidarem do próprio umbigo, para ficarem encasteladas em torres de marfim. Elas existem para servir à sociedade, gerando e disseminando o saber para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Mas a forma como a universidade ajuda a sociedade vai muito além das descobertas científicas, dos prêmios acadêmicos ou do desenvolvimento de novas metodologias e técnicas. Estas são conquistas naturais e próprias de universidades com U maiúsculo como a UFFS. São, sem dúvida, também as mais importantes, mas são, em geral, conquistas a longo prazo e exigem, além de investimento continuado, paciência e, sobretudo, a dedicação de muitos durante muitos anos.

Além das conquistas acadêmicas, uma universidade traz, também, desde o momento de sua criação, conseqüências muito práticas e imediatas - coisas que frequentemente escapam aos acadêmicos, mas que afetam a vida dos cidadãos de seu entorno com tal intensidade que é possível dizer, sem medo de errar, que, após a criação da universidade, a região na qual ela se insere jamais será a mesma. Os impactos econômicos, sociais e culturais, as evidências mostram, não são triviais e desprezíveis como muitas vezes imaginamos. Na verdade, estes impactos são capazes de mudar a identidade e a feição de cidades inteiras. E isto irá acontecer em Cerro Largo, em Erechim, em Realeza, em Laranjeiras do Sul e, é claro, também, na hoje pujante cidade-sede de Chapecó.

A primeira forma de ajudar a comunidade é a própria democratização do acesso à educação superior com oportunidades especialmente aos mais carentes. Mas queremos mais do que isso: queremos também a UFFS como uma oportunidade de se oferecer aos jovens uma formação profissional e cidadã de qualidade.

Disse-me um professor outro dia, em tom de brincadeira, que eu estava a administrar a universidade ideal – a universidade sem alunos. Foi em tom de brincadeira, mas à medida que passam os anos, cresce em mim a convicção de que esta visão de que a universidade ideal é a universidade sem alunos não é tão estranha assim. Quantas vezes vemos alunos tratados como fardos, como um mal necessário, um estorvo à pesquisa, à publicação, à consultoria e aos bons relatórios para a Capes e ao CNPq. Quem pensou minimamente sobre educação superior sabe que aluno é o que há de mais importante em uma universidade. E, mais, sabe que a universidade existe principalmente por causa do aluno, com o aluno e para o aluno, pois a ele cabe a tarefa de dar continuidade ao avanço do conhecimento e à preservação da cultura. Antes da burocracia, o aluno; antes dos privilégios e preferências pessoais de professores e técnicos, o aluno; antes da publicação que faz bons relatórios, o aluno; o aluno real - não máquinas, sem vontade ou mau humor, não como formigas ou abelhas, geneticamente predeterminadas, não como bonsais, condenados ao nanismo, mas como pessoa, como gente capaz de pensar como gente; capaz de sentir-se gente; capaz de crescer; capaz de se motivar; capaz de imaginar o futuro, como gente. Antes de tudo, na universidade, o aluno em formação, ao lado de seu professor, ou a universidade não merece este nome.

E por falar em formação, o compromisso da universidade vai além do de treinar recursos humanos ou de preparar o que ex-reitor William Zinsser chama de “bárbaros altamente qualificados”. Nosso compromisso é o de contribuir para a formação do homem, do ser humano em sua totalidade. Tenho dito repetidamente, e não me importo em repetir aqui, que antes do agrônomo, o ser humano que saiba tornar fértil e produtivo o solo, respeitando o meio ambiente, respeitando a saúde, a cultura e a qualidade de vida das pessoas. Antes do engenheiro de aquicultura o ser humano, que conheça os processos, métodos e técnicas capazes de cultivar e repovoar os nossos rios, lagos e mares, retirando comunidades inteiras do estágio primitivo da coleta e colocando-as num patamar mais avançado de plantio e colheita. Antes do professor, o ser humano, que saiba transmitir aos mais jovens e discutir com os mais jovens o conhecimento acumulado na sua área de especialização. A profissão é tão somente um aspecto do ser humano. Ajuda a completá-lo e é, por isso mesmo, necessária. Confundir a profissão com o ser humano, no entanto, é como achar que o químico nada mais é que um tubo de ensaio; o matemático nada mais do que uma equação; o professor nada mais

do que uma lição; o educador nada mais do que uma metodologia; o universitário nada mais do que um fetiche.

Já é possível ouvir o burburinho: “se todos forem se preocupar só com a formação de cidadãos, quem vai garantir que os prédios não desabem, que os médicos não matem os seus pacientes ou que os professores não produzam analfabetos culturais e funcionais”. Embora eu esteja convicto de que a falta de ética e de cidadania desgracem muito mais a humanidade do que a incompetência técnica, é evidente que não estamos propondo a formação de profissionais incompetentes. O que queremos são pessoas para as quais a profissionalização não seja sinônimo de estreiteza, de barbarismo, de falta de compreensão ética, de falta de empatia com os valores que nos sustentam enquanto sociedade democraticamente organizada. Não queremos formar o bárbaro altamente qualificado. Queremos formar o cidadão altamente qualificado, e é para isso que estamos trabalhando, pois é esta a universidade que queremos.

Se a formação profissional e cidadã afirma os valores de uma Universidade, com U maiúsculo, é importante que percebamos que a universidade só será uma universidade cidadã se souber trabalhar com a sociedade. A universidade precisa ser um espaço acadêmico, político, social e cultural aberto à participação de todos: movimentos sociais, prefeitos, vereadores, sindicatos, a igreja, o parlamento, a sociedade civil organizada, os indivíduos – todos com a comunidade de professores, técnicos e estudantes. Só assim faremos uma universidade viva, popular, um espaço de liberdade e de respeito mútuo, a serviço de toda a sociedade e com a qual todos estão comprometidos.

Por isso mesmo, um de meus primeiros atos como reitor deve ser a criação do Conselho Estratégico Social, que terá como função precípua orientar a UFFS nas questões estratégicas que possam aprofundar a presença e o impacto positivo da instituição na região da fronteira sul. A universidade, insisto, foi criada pela sociedade, é da sociedade e só justificará a sua existência pela sua presença marcante na sociedade. Por isso mesmo, a sociedade precisa estar presente na condução de seu destino desde os seus primeiros dias e o Conselho Estratégico Social, que vamos criar, representa a institucionalização de um poderoso canal democrático de comunicação capaz de assegurar uma administração efetivamente participativa.

Um comentário sobre a logomarca da UFFS:

o que significa a chama verde que passa a ser a marca identificadora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – instituição que iniciará as suas atividades em março de 2010 nos três estados do sul?

Rica em significados, a marca imaginada pelo designer Vincenzo Berti, da Agência de Comunicação da UFSC, se inspira naquela que talvez tenha sido a primeira grande tecnologia humana, formadora das grandes mudanças e das grandes transformações que acompanharam a humanidade através de sua história. Ao estilizar a chama, no entanto, partindo-a em três labaredas que formam um todo, Berti escapa da obviedade do fogo para nos lembrar dos valores clássicos que historicamente arderam na pira das grandes universidades: a busca do belo, do verdadeiro e do justo, da arte, da ciência e da justiça.

O número três sempre esteve associado a uma grande variedade de sugestões religiosas, familiares, psicológicas e filosóficas. No caso das universidades com U maiúsculo, ela sempre esteve também associada ao tripé que distingue as universidades de verdade de simples faculdades ou escolas superiores: o ensino, a pesquisa e a extensão. A chama de Berti representa muito bem estas grandes funções da instituição universitária, claramente definidas na Constituição brasileira e que devem ser conduzidas de forma indissociável.

Impossível não reconhecer também na marca da UFFS as três categorias que necessariamente compõem a comunidade universitária: professores, alunos e técnicos, que juntos precisam assegurar a busca da arte, da ciência e da justiça, assegurando o exercício competente do ensino, da pesquisa e da extensão.

Não menos importante, cabe lembrar que a universidade terá os seus campi situados na região de fronteira dos três estados do sul. A chama tripartite da UFFS e a sua coloração verde reforçam este significado muito peculiar, manifestando a união dos três estados em torno deste importante projeto social e educacional, revelando desde já a sua preocupação com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentado da região de campo e de fronteira.

Talvez, inconscientemente, Berti nos mostra em sua chama que, embora nova, a UFFS se inspira fortemente na UFSC - instituição tutora e que dedica à implantação da UFFS parte significativa da energia de seu corpo docente e técnico, elaborando planos administrativos, formulando projetos pedagógicos e trabalhando pela sua viabilização política. Fica a impressão de que a chama da UFFS foi acesa na chama que encontramos no alto do brasão da UFSC, ganhando apenas novo desenho e novo formato em função do novo momento histórico e do novo espaço geográfico onde deverá arder.

Para concluir, gostaria de compartilhar com vocês uma pequena história que Thoreau, o ex-aluno summa cum laude de Harvard, nos conta em seu livro Walden. A história é mais ou menos a seguinte:

Um certo agricultor morava com a sua família há sessenta anos na mesma casa. Durante todo este tempo fizeram as suas refeições na mesma mesa de madeira que estava na

cozinha da casa. Certo dia, decidiram tirar o lampião que estava preso no forro da cozinha e o deixaram ficar sobre a mesa. Alguns dias depois e, durante várias semanas, atônita, a família do agricultor começou a ouvir o roer de um inseto vindo de dentro da mesa, abrindo lentamente o caminho para a sua nova vida. Era um besouro, bonito e saudável, nascido provavelmente de um ovo chocado pelo calor do lampião - um ovo depositado muitos anos antes no tronco da madeira da qual fora feita a mesa.

E Thoreau comenta: “Quem não sente a sua fé fortalecida ao ouvir tal história? Quanta vida bela pode estar enterrada há séculos nos círculos concêntricos e endurecidos da vida seca de nossa sociedade!”

Prezados amigos,

Que a chama da UFFS possa também aquecer e trazer à vida os projetos sociais que até aqui estavam abandonados, esquecidos e petrificados pela falta de oportunidade para nossos jovens.

Obrigado